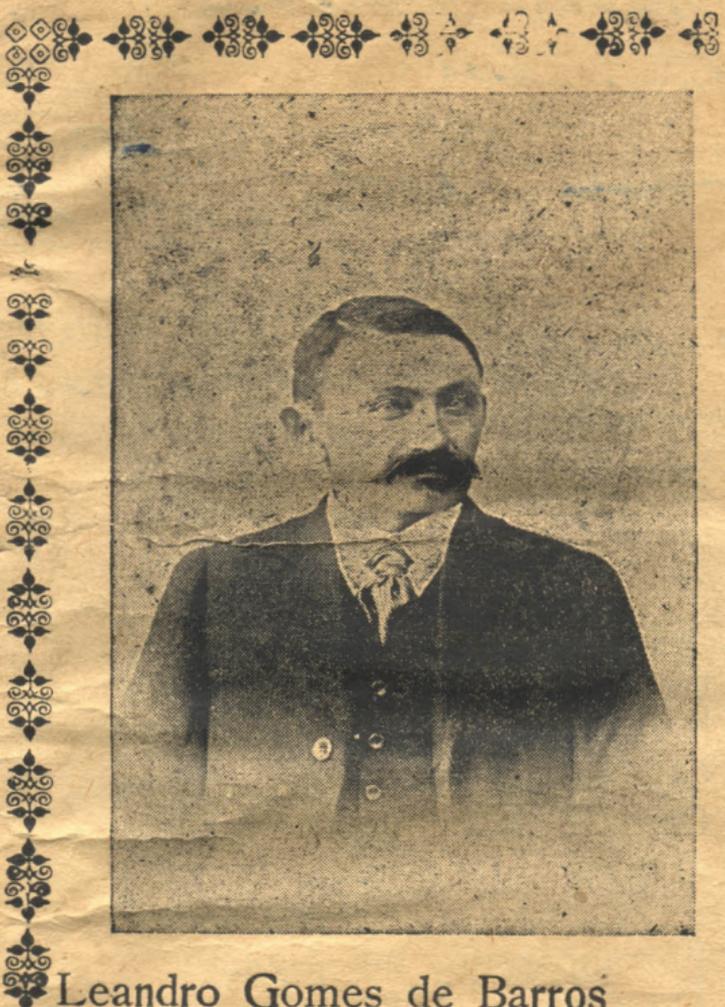


Leandro. Edição do Autor.

A PRIZÃO DE OLIVEIROS



Leandro Gomes de Barros



Leandro Gomes de Barros

Leandro

De Ferrabraz com
Jo' Vimos quanto eram
aqueles ~~dois~~ nobres guerreiros
Vamos agora a prisão
~~dele com seus~~

~~A PRISÃO DE OLIVEIROS~~
~~de Oliveiros e seus~~ ~~campanheiros~~
E

~~A PRISÃO DOS SEUS COMPANHEIROS~~
~~de Oliveiros e seus~~
~~campanheiros~~

3
Quem leu a batalha horrenda
De Oliveiros e Ferrabraz,
Não deve ignorar mais
O que è uma contenda
Vê uma luta tremenda,
Como se ganha a vitoria,
Pode guardar em mimoria
O combate mais horrivel
Parese até impossivel,
O passado desta historia

Ferrabraz era um gigante
De corpo descummunal,
Como nunca teve igual,
Nos reinos do almirante
Elle sô, era bastante
Para cinco mil guerreiros
Oito dez mil cavalleiro
Morreram pelas mãos d'elle
E só tirou sangue n'elle
A espada de Oliveiros

4
Oliveiros aquella braço
Não se cruzava em perigo
E nunca achou inimigo
Que lhe fizesse embaraço
À quelle pulço de aço
Mão que sempre foi timida
Para as guerras escolhida
E por Deus abençoada,
Nunca desceu a espada
Que não tirasse uma vida,

Ferrabraz como um lião,
Afrontava a propria morte
Era a columna mais forte
Do almirante Balão,
Tinha nobre coração,
E era civilisado,
Nas armas disciplinado,
Tinha força e energia
Em toda parte que ia,
Mostrava ser illustrado.

Como tambem Oliveiros
No valôr e na ação
Gui de Borgonha e Roldão
E os mais seus companheiros
Desses 12 cavalleiros,
Um só não torcia o braço
Um d'elles não dava um passo
Que não achasse o perigo,
Espada do inimigo
Para elles não tinham aço.

Oliveiros e Ferrabaz
Que aspiravam um despeito
Pegaram-se peito a peito
Como 2 liões voraes
Alli ninguem chegou mais
Foram os 2 luctarem sós
Ninguem ouvia uma voz
Fogo das armas sahia
E dos dous ninguem sabia
Qual seria o mais feroz

Leiam com toda attenção
A vida de Ferrabraz
Vejam como são iguais
Elle Oliveiros e Roldão
O almirante Balão
Tinha nelle tal fiança
Dizia que toda França
Se tornaria impotente
Porque Ferrabraz somente
Servia de segurança

Carlos Magno tambem
Tinha doze cavalleiros
Como outros iguais guerreiros
O mundo hoje não tem
Nunca temeram alguem
Segundo diz a historia
Tinham nas espadas a gloria
Nunca torceram perigo
Nunca foram a inimigo
Que não contassem victoria.

No dia que Oliveiros
Deixou Ferrabraz vencido
Foi de novo acomettido
Por dez mil turcos guerreiros
Elle e quatro cavalleiros
Que chegaram em seguida
A força turca previda
Prendeu todos cavalleiros
Porem só por Oliveiros
Ficaram trez mil sem vida

Não poderam ressistir
Os cavalleiros de França
Sem cavallo espada e lança
Sem ter com que se cubrir
Veio á noite os confundir
Com a negra escuridão
Perderam de tudo a ação
Foram presos os cavalleiros
Levados prisioneiros
Ao almirante Balão

Assim mesmo se Oliveiros
Não tivesse desmontado
Alem disso desarmado
Elle e todos companheiros
Se dois ou trez cavalleiros
Os tivessem socorrido
Com boas armas os munido
O combate iria avante
O pôvo do almirante
Não os teria prendido.

776
Porém a lucta era horrenda
E os cavalleiros poucos
E os turcos como uns loucos
Davam batalha tremenda,
Naquella infeliz contenda
Oliveiros tropeçou
Num cadavere que encontrou
Quando dez turcos chegaram
As mãos para traz lhe amarraram
Elle sem acção ficou.

Os turcos esfamiados
Pelo sangue de Oliveiros
Vendo os cinco cavalleiros
Em seu poder escoltados,
Seriam recompensados
Por aquella heroica acção,
Julgavam paga a prizão
Do heroi rei dos guerreiros
O maior dos cavalleiros,
Do almirante Balão,

E seguiram os cavalleiros
Cruelmente maltratados
Levando os olhos tapados,
O grande e nobre Oliveiros
Os outros prezioneiros,
Com mãos atadas atraz
Correndo a tudo e a mais
Ao almirante Balão
Para vingar a prizão,
De seu filho Ferrabraz.

— 7 —

E aquella multidão
Levando os prisioneiros
Entregou os cavalleiros
Ao almirante Balão
Elle lá como um lião
Em desispeiros fataz
Igualmente ao satanaz
No dia que o cèo perdeu
Disse deses quem venceu
O meu filho Ferrabraz ?

Disse um dos exaltados
Examinando primeiro
~~E' aquelle cavalleiro~~
Que traz os olhos vendados
Estes cinco celerados
E' custoso se os vencer
E' escusado dizer
Da forma que elles luctaram
E dez mil vidas custaram
Para puder-se os prender

O rei fez uma mudança
Perguntou a Oliveiros
Se elles eram cavalleiros
Dos dose pares de França
Oliveiros sem tardança
Disse nós somos soldadados
Muito pouco exercitados
Somos todos de Lorenda
Para primeira contenda
Agora fomos chamados.

Ordenou o almirante
Que para o campo os levassem
E todos cinco matassem
Por um meio agonisante
Alli lhe disse Burlante,
Meus planos não são capaz
Creio que vós lucravas mais
Mandar por dous mensageiros
Trocar estes cavalleiros
Por teu filho Ferrabraz

O almirante Balão
Achou bom o parecer
Deu ordem a recolher
Os cavalleiros a prizão,
Num carcere de escuridão
Onde matavam os tyrannos
Os turcos barbaros profanos
Fuzeram-os na enxovia
A onde o curso de um dia
Parecia dez mil annos.

Esse carcere agonisante
Prisão ascarosa e fria,
Encostada a moradia,
Da filha do almirante,
Cuja alma interessante
Dava ao mundo uma esperança
Conservava na lembrança
Idèa pura e risonha
Amava a Gui de Borgonha,
Um cavalleiro de França

Amava ella um vassallo
Do imperador francez
Que o vendo a primeira vez
Não poude deichar de amal-o,
Quando elle entrou a cavallo
Em Roma numa corridã
Deixou-a surprehendida
O toque de uma paixão
Deu a elle o coração
Arriscando a propria vida.

Floripes não conhecia
Como o amor tem puder
Logo alli poude saber,
Quanto elle tem energia
Sendo ella da Turquia
Seu pai era um rei pagão,
Não tinha religião
Era um perigo profundo
Por todo ouro do mundo
Não dava ella a um christão.

Oliveiros recolhido
Naquelle horrivel tormento
O seu maior soffrimento,
Era o corpo está ferido
Elle exclamava sentido
Meu Deus! olhai para mim!
Não devo viver assim
De lá da eternidade
Mandai com mais brevidade
A morte trazer meu fim.

Antes tivesse eu morrido
 Pela mão de Ferrabraz
 O guerreiro mais capaz,
 Dos que a Turquia tem tido
 Outro igual não foi nascido
 Se nasceu não foi criado
 Guerreiro nobre e honrrado
 Espada que val um porto
 Se elle tivesse me morto
 Eu estava mais consollado.

Floripes então poudo ouvir
 Oliveiros exclamar
 Desceu e foi indagar.
 Quem estava a se concluir,
 Diz ; Brutamonte a sorrir
 Aquelles são uns dos taes
 Do povo de satanaz
 Que tanto nos offendeu,
 Está até o que venceu
 O vosso irmão Ferrabraz

Abre a porta da prisão
 Disse ella ao carcereiro
 Quero ver o cavalleiro
 Que faz essa exclamação
 Disse Brutamonte não,
 Isso eu não posso fazer
 Sob pena de morrer
 Teu pai me o recomendou
 Pessoalmente ordenou
 Não deichar alguém os ver

Abre essa porta villão,
Floripes lhe replicou
Quando o turco se abaixou
Para abrir o alçapão,
Ella meteu-lhe um bastão,
Deichou-o morto na terra
Dizendo nesse se encerra
Um de mais plano formado
Matei um dos desgraçado
Que vinha me fazer guerra

Tudo assustado ficou
Daquella ação que ella fez
E ella por sua vez
Daquillo não se alterou
Com toda calma fallou
A todos prisioneiros
Perguntou a Oliveiros
Quem era que estava alli?
Um delles lhe disse aqui
Somos cinco cavalleiros.

Ella com falla bem mança
Perguntou a Oliveiros
Quem são esses cavalleiros?
Somos dos pares de França
Que estamos sem esperança
De sahir desta prisão
Ella perguntou então
De vós quem batalha deu
E nessa lucta venceu
A Ferrabraz meu irmão?

Foi eu lhe disse Oliveiros
 N'uma batalha lial,
 Que tendo sangue rial
 Fiz como os nobres guerreiros
 O hoste dos cavalleiros,
 Quiz fazer de mim pagão
 Eu sem vileza e traicão,
 Luctei elle foi vencido
 E hoje esta convertido,
 Baptisou-se é um christão

Floripes então perguntou
 Como quem se interessava
 Se Gui de Borgonha estava
 Disse Oliveiros ficou.
 Alli ella confessou
 A sua grande paixão
 Disse; meu pai é pagão
 Se souber castigarar-me
 Vocês poderão levar-me,
 Para terra de christão?

Disse Oliveiros senhora
 Pelas graças recebidas
 Nós arriscamos as vidas
 Vós servimos a toda hora
 Manda-nos sortar agora
 E dê com que nos armar,
 Pode nos acompanhar
 Descansai o coração
 Que o almirante Balão
 Vel-a e não pode a toma,

Floripes então disse alli
Eu os ponho em liberdade
Venho soltal-os mais tarde
Esperem por mim ahi
Eu me retiro daqui
Pode alguém me ouvir fallando
Eu aqui me demoraudo
Pode alguém desconfiar,
De noite venho os tirar
Fiquem aqui esperando.

Ficou em ancia Oliveiros
Mas a noite ella voltou
Com nma corda tirou
Todos cinco cavalleiros
Todos os prisioneiros
Foram por ella levados
Cearam e foram curados
De boas armas munidos
Todos cinco previnidos
Para se fossem atacados.

Floripes comunicou
A sua velha criada,
A velha ficou zangada,
Na mesma hora a jurou
Floripes a impurrou
De uma alta janella
Ficando livre daquella
Donde o mal podia vir
Depois da velha cahir
Embaixo enterraram ella

75 — 14 —
O almirante Balão
Ordenou que quinze reis
Fossem todos de uma vez
Ao imperador cristão
E disse : digam-lhe então
Que eu mando-lhe dizer
Que elle mande trazer,
Meu filho que elle tem lá
Que eu lhe mando de cá
Os que tenho em meu poder.

E se não quizer fazer
O que lhe mando pedir
Ao seu reino eu hei de ir
Com meu exercito e poder
E elle então ha de ter
Uma morte rigorosa
Uma sentença penosa
Elle tem de experimentar
Ou faz afim de escapar
A fuga mais vergonhosa.

Então nesse mesmo dia
Carlos Magno chamou
Sete pares e os mandou
Com uma embachada a Turquia
Na embachada disia
Vocês digam ao Balão
Que trate de ser christão
E mande meus cavalleiros
Que não quero meus guerreiros
Preso em poder de pagão

Esses quinze reis guerreiros
Vassallos do almirante
Já de aguas mortas dis^tante
Encontraram os cavalleiros
Ensultaram os mensageiros
Do imperador christão
Perguntando onde é que vão?
Que vão ver por esta estrada?
Diz : Roldão levo embachada
Ao almirante Balão

Não podemos te acreditar
Disseram os embaixadores
Vocês são salt adores,
E querem se disfalçar
Nós avemos de os levar
Ao almirante balão
Que n'uma escura prisão
A' de os mandar encerrar
Então pode se apromptar,
Gritou-lhe logo Roldão

Isso Roldão proferio,
E puchou pela a espada,
E deu-lhe uma cutilada,
Que atè aos peitos partiu.
Outro rei turco acudiu
E elle não o torceu,
Todos os golpes que deu,
Foram bem aproveitados
Quatorze foram lascados,
Escapou um que correu.

Atraz d'esse que correu
Foi Ricarte o perseguindo
O turco se escapulindo
Pelo mato se escondeu,
Nas montanhas se metteu
Ganhou a uma solidão,
Serviu-se da escuridão
Da noite que o protegia
Para contar o que havia,
Ao almirante Balão

Quando Ricarte voltou,
Disse um dos cavalleiros
Não temo os aventureiros.
Que no campo se matou
Receio o que escapou,
Pela colina do monte,
Que hoje mesmo vá e conte,
Ao almirante Balão
È seja essa razão
De não passarmos a ponte.

Alli respondeu Roldão
Ora porque não se passa
Vocês verão a desgraça
Que eu faço na guarnição
O almirante Balão
Bote os soldados que tem
Porque eu juro também
Ficar a terra arrasada,
Elle da-me a embaichada
Ou sua cabeça vem

104

Alli todos se montaram
Ármados heroicamente
Levando como presente
As cabeças que tiraram
Em seus alfoges botaram
Não deram satisfação
Seguiu na frente Roldão
A pessôa encarregada
De entregar a embachada,
Ao almirante Balão.

Alli havia uma ponte
A de Mantible chamada
O rio não dava entrada
Por fora existia um monte
De uma altura sem desconte,
Como outro não havia
E na ponte era vigia
Um desconmual gigante,
De quem só o almirante
A ponte confiaria.

Existe um portão enorme
Com trez arcos de ouro puro
E quem o faz mais seguro,
É um gigante disforme
De um aspecto disconforme
Um gesto repugnante
É musculozo e possante
São brutas suas maneiras
E' quem defende as fronteiras
Das terras do almirante.

Disse Roldão: vou fallar
 Ver se elle abre um pouquinho
 Se eu entrar faço caminho
 Que tudo pode passar,
 Se elle quizer cobrar
 A quantia estipulada
 Depois de eu ter a entrada,
 Ahi eu digo oh bruto!
 Eu trago aqui teu tributo
 Na bainha da espada.

Disse o duque de Nemé
 Passiencia meu amigo
 Deixe a impreza comigo,
 Não desespere da fé
 Eu sei isso como é
 E devemos nos conter,
 Tambem presiza saber
 Que a pessôa alguma agrada
 Dar uma grande pancada
 E outra igual receber.

Deixem eu sigo na frente
 Então direi ao gigante
 Que vamos ao almirante,
 Levar-lhe um rico presente
 E uma embaxada urgente
 Ao almirante Balão,
 Elle vendo esta razão
 Talvez nos deixe passar
 Assim podemos chegar
 Sem precisar de questão.

Bateu o duque e chamou
Pelo o nome do gigante
E esse no mesmo instante
Na porta se apresentou
Abrio um postigo olhou,
Viu tudo de espada e lança
O duque com falla mansa,
Disse: queremos entrada
Pois levemos embaxada
Do emperador de França.

Disse Galafre : precisa
Pagar tributo de entrada
Uma somma exagerada,
Só passa quando endiniza
E antes de entrar aviza
Ao almirante Balão,
Ver se elle consente ou não
Que lhe leve a embaxada
Ou se posso dar entrada
A um embaxador christão.

Disse o duque tem razão
Porém nós somos decentes
Levamos ricos presentes,
Ao almirante Balão
Deixe passar-mos então,
Nós e tudo nosso em paz
O comboio que vem atraz
Nós vamos logo na frente
Procurar onde apousente
Nós e nossos animaes.

Disse Galafre ha de dar
 Trez arcos de ouro massiço
 Cem haver abate nisso
 Aqui mesmo ha de entregar
 Disse o duque hei de pagar
 Inda sendo 9 ou dez
 Disse o gigante tú és
 Um destimido vaçalo
 Mas por cada pés de cavallo
 As de pagar cem mil reis.

Todo christão que aqui passa
 O que não quiser morrer
 É obrigado a trazer
 Sem pares de cães de caça
 E tudo de bôa raça
 Que sejam bem amestrados
 Trinta arcos bem lavrados
 De pedras especiaes
 Tudo isso quem vem traz
 Do contrario é devorado

É a quantia exigida
 De quem aqui quer passar
 E' obrigado a pagar
 Do contrario perde a vida
 A pessôa é concluida
 Em cima daquelle monte
 Um gancho sobre uma fronte
 Eu mandarei infiar
 Depois mando o pendurar
 Nas almeias desta ponte

Disse o duque sim senhor
 Eu e os meus companheiros
 Somos sete cavalleiros
 De muito alto valor
 E o nosso imperador
 Nos mandou em comissão
 Ao almirante Balão
 Uma embaixada levar
 Nos ordenou a pagar
 O que fosse de rasão

Nosso conboio ha de vir
 Chegando deiche-o passar
 Depois hei de lhe pagar
 O que o senhor exigir
 Queremos que o deiche ir
 As tendas do almirante
 Pois um presente importante
 A elle vamos levar
 Havemos de lhe pagar
 De nós delle e assim por diante

Galafre os deichou passar
 E todos sete partiram
 Pela estrada seguiram
 Sem nada os emcommodar
 Estava um a olhar
 Mas quieto a sangue frio
 Roldão sem mais desafio
 Lançando mão da espada
 Partiu-o com uma cotelada
 Botou-o morto no rio.

Os cavalleiros chegaram
 Ja de meia noite em diante
 A hora que o almirante
 Já tinha se agazalhado,
 Tinha a pouco se deitado
 Não quiz se levantar mais
 Disse com sigo é capaz
 De Carlos Magno mandar
 Seus cavalleiros buscar
 E me trazer Ferrabraz.

O almirante Balão
 Tinha a pouco se deitado
 Soube que tinha chegado
 Na corte um pôvo christão
 Disse o almirante então
 Não devo me veichar mais,
 São homens especiaes
 Que vem como mensageiro
 Ver se eu dou os cavalleiros
 Por meu filho Ferrabraz.

Ordenou que agazalhasse
 Muito bem os cavalleiros
 Veja que aos mensageiros
 Couse alguma faltasse,
 Depois que tudo ceiasse
 Desse-lhe cama dessente
 Pois encarecidamente,
 Ordenava que os tratasse
 E que tudo alli achasse
 A noite muito excelente.

— 23 —

O mestre salla os botou
Cada um num aposento
E todo aquelle armamento
O mestre salla guardou,
Nem um de'les se lembrou
Que o rei podia chegar
E ao almirante contar,
Todos os factos passados
Mas estavam enfadados
Só pensaram em se deitar.

Então foram agazalhados
Todos sete mensageiros
Porém todos cavalleiros
Um dos outres separados
Todos sete desarmados,
Nem um com arma ficou
De madrugada chegou
O rei que tinha escapado
Contando muito cançado
Tudo quanto se passou

E disse esses desgraçados
Que aos quatorze rei mataram
São uns que a pouco chegaram
Estão aqui agazalhados,
Vinham hontem agrumerados
Nos agrediram em caminho,
Momento ingrato e mesquinho
Tudo nos feichou os portos
Ficaram quatorse mortos
Só eu escapei sosinho.

25 24
Alli logo o almirante
Quase morre de paixão
Lançou logo maldição
Em Mafoma, e Tarvagante,
Acudiu no mesmo instante
O mestre salla fallou
Brandamente o animou
E lhe disse sua alteza
Eu tenho toda certeza
Mafoma não vos deixou.

Apolim e Tavargante
Dous deuses teus protetores
Os quaes recebem favores
De vós aqualquer instante,
Mafoma é um deus constante
Protege aos reis anciãos
Trata os reis por seus irmãos
Deixou teu pôvo morrer,
Porém mandou te dizer
Tens inimigos nas mãos.

Ide descançar la dentro
Afrontarei os perigos
Prenderei teus inimigos
Ainda que fossem um cento,
Elles já dormem eu entro
Amarrarei um por um
Isso é facto commum,
Ninguem não deve estranhar
Eu sosinho posso entrar
Não deicho solto nem um.

25

Disse aquillo e foi sabindo
E foi logo aos mensageiros
Amarrou os cavalleiros
Que estavam todos dormindo,
O mestre salla sorrindo
Foi dizer ao almirante
Sr. nesse mesmo instante,
Prendi todos cavalleiros
Deixei-os presioneiros
Fiz um serviço importante.

Foram os pares amarrados
Quando no salão dormiam
Innocentes não sabiam
~~Que~~ alli seriam algemados,
De manhã foram levados
Ao almirante Balão
Que perguntou a Roldão,
E aos outros mensageiros
Se elles eram cavalleiros
Do imperador christão.

Alli Roldão respondeu
Se ainda não conhecia
O carrasco da Turquia
Olhe bem que sou eu,
Braço que nunca torceu
Milhões de turcos armados
Grandes guerreiros fallados,
Vassalos teus escolhidos
Por mim já foram abatidos
Estão no livro dos finados.

E venho em commissão
De meu tio emperador
Que manda dizer ao senhor
Que se fizesse christão
Do contrario em sua mão
Havia de si acabar
Elle havia de o botar
Deixando o exemplo ou mostra
O senhor de-me a resposta
Que é nessessario levar

Ex ahi caro senhor
Disse anim do Roldão
O almirante balão
Ficou ardendo em furor
Com aspectro aterrador
Chamou seus subordenados
Mandou que fossem queimados
Todos sete mensageiros
Com os cinco cavalleiros
Que já estavam emcarcerados

Quando a noticia chegou
Aos ouvidos da princesa
Ella com essa surpresa
Meia hora não fallou
Por Oliveiros chamou
E lhe disse se disponha
Minha afflicção é medonha
Só vós podeis me valer
Antes me deixes morrer
E salve a Gui de Borgonha

28
— 27 —
Vou ver se meu pai me dai-os
Disse ella vou pedir
Se nada lá conseguir
Vocês vão daqui toma-los
Tem boas armas e cavallos
Voces fiquem previnidos
Olhem que estamos metidos
Aonde qualquer não vai
E o povo de meu pai
São turcos muito atrevidos

Sahiu e foi ao Balão
Chorando porém fingida
Muito queixosa e sentida
Pelo seu querido irmão
Entrou pela multidão
Fallando com arrogança
Sem apresentar mudança
Perguntou quem eram aquelles
E indagou seram elles
Os cavalleiros de França

No mesmo instante Oliveiros
Deu preça a tudo se armar
E no campo não deixar
Matarem os cavalleiros,
Floripes em desispeiros
Sobre uma cadeira cai
Num terno pranto se esvai
E disse ao grande Oliveiros
Resgatem seus companheiros
Inda que matem meu pai.

Respondeu o almirante
Estes malditos que vês
Mataram quatorze reis
Hontem a tarde n'um instante
Uma morte agunisante
Tambem hoje hei de lhe dar
Hei de mandal-os matar
No campo bem cruelmente
A morte de minha gente
Agora há de se vingar.

Disse a princêza é verdade
Deve os levar amarrados
Matal-os todos queimados
Com a maior crueldade
Porém ja é muito tarde
Meu pai precisa comer
Primeiro mande dizer
A todos nossos parentes
Porque ficarão contentes
Vendo-os no campo morrer

Me entregue os prisioneiros
Eu levo esses condenados
Destes amaldiçoados
Serei um dos carcereiros
Estês sete carniceiros
Hei de ajudar a matal-os
Com as proprias mãos queimal-os
Para vingar meu irmão
O almirante Balão
Lhe disse pode leval-os.

Disse-lhe alli Sortibão
Senhor adverte bem
Porque na mulher contem
Um armase[m] de traição
E debes ter precaução
Anda seguro e direito
Muitas mulheres teem feito
Os homens se arrependerem
E só chegam a confessarem
Quando não podem dar geito

Floripes enfureceu
Disse alli a Sortibão
Por teu falço coração
Vens tú carcular o meu
Falço pode ser o teu
Onde não ha sentimento
Porem marques o momento
Um dia hei de me vingar
E tù has de me pagar
Este teu atrivimento

E ordenou aos soldados
Levarem os prisioneiros
Disse alli aos cavalleiros
Levantem-se desgraçados
E lá seguiram algemados
Na frente ella indo atraz
E disse aos officiaes
Faz favor tudo voltar
Mandou aos prezos trancar
Na camara de Ferrabraz

51 — 30 —
Como ficou Oliveiros
Quando chegou no salão,
Vendo algemado Roldão
E os outros cavalleiros
Disse aos outros companheiros
Não façam por ter demora
Olhe que estamos na hora
Soltamos nossos irmãos
Quebraram os ferros a mãos
Deitaram os pedaços fora

Foi entrando Lucrafé
Primo e noivo da princêsa
Como foi sua surpresa
Vendo o duque de Nemè
Que se firmando num pé
Aproveitou bem a hora
O turco quiz ir embora
Deu-lhe o duque tal pancada
Com o copo da espada
Tirou-lhe a cabeça fora

Floripes admirada
Disse por teu evangelho
Eu nunca julguei que velho
Desse tão grande pancada
O duque disse isso é nada
Muito mais já tenho feito
Eu pegando um turco a geito
Não me faltando a espada
Lasco de uma cotelada
Da cabeça até o peito

Disse Floripes vou ver
Pela côrte o que é que ha
Vendo alguma cousa lá
Eu volto e venho diser
Então voces devem ter
Muito grande precaução
Direi a meu pai então
Que almoce eu estou indisposta
Divido aquella resposta
Que sofri de Sortibão

Deicho de mensionar
Casos pouco interessantes
Tornam-se muito masantes
Não convem os relatar
Tanto o espaço não dar
Para tudo que passou-se
Contarei como tomou-se
Aponte de meio a meio
Como Carlos Magno veio
E Floripes casou-se

Na hora da refeição
Tudo alli se descuidou
Oliveiros enfrentou
O almirante Balão
Esse quando viu Roldão
Viu que a vida estava cara
A salvação era rara
Saltou de uma das varandas
Chegaria em duas bandas
Se um turco não o apara.

Veio um rei dos mais valentes
 A' Roldão com uma espada,
 Roldão de um cutilada
 O partiu até os dentes,
 Vinheram mais dois parentes
 Partiram na mesma hora,
 Roldão alli sem demora
 Lhe disse turco conhessa
 Deu-lhe um golpe na cabeça
 Tirou-lhe o pescoço fora

Investiam os cavalleiros
 As forças do almirante
 Roldão e Ricarte adiante
 Na retaguarda Oliveiros
 Geraldo e os companheiros
 Matavam sem piedade,
 Os turcos em quantidade
 Partiam aos pares de França,
 Já não restava esperança
 Todo esforço era debalde

Voltaram os cavalleiros
 Da torre conta tomaram,
 Os turcos alli os cercaram
 Julgando-os prizioneiros
 Roldão, Ricarte e Oliveiros
 Gui de Borgonha e Geraldo
 Cada qual bem preparado
 Diziam aos seus companheiros,
 Para doze cavalleiros,
 Não vemos exercito armado

Um dia faltou comida
 As damas e aos cavalleiros
 Roldão disse a Oliveiros
 Perdi • amor a vida,
 Tem uma dama cahida
 E outra já desmaiada
 Lançarei mão da espada,
 E sahirei nesse instante
 A tenda do almirante
 Hoje é por mim atacada.

E sahiram os cavalleiros
 Ficou na torre um somente
 Então seguiam na frente
 Tietre e Oliveiros,
 Viram uns turcos que lijeiros
 Já corriam muito adiante,
 Era um comboio de distante
 Que vinham com mantimento
 Vinham trazer alimento
 Ao povo do almirante.

Os pares alli avançaram
 Servindo-se das espadas
 Douze arzemolas carregadas
 Dos inimigos tomaram
 Mais de mil turcos mataram,
 Numa batalha medonha
 Como não á quem suponha,
 Que houvesse tal mortandade
 Por uma casualidade
 Prenderam Gui de Borgonha.

O almirante Balão
 Mandou que o algemasse
 De manhã o enforcasse
 Perante a população
 Traspassava um coração
 Ver Floripes tão formosa,
 Aos pes dos pares choroza
 Disse oh Roldão : valoroso !
 Vai regastar meu esposo
 De uma morte tão penosa.

Foram oito cavalleiros
 Roldão foi na dianteira
 Fosim numa costaneira
 Na retaguarda Oliveiros
 Com 18 mil guerreiros,
 O preso vinha escoltado
 Porém Roldão e Ricardo
 Entre os maiores perigos
 Tomaram-no dos inimigos
 Antes de ser enforcado.

Os pares nessa agonia
 Já quasi sem esperança
 E Carlos Magno em França
 De nada disso sabia
 Disse Oliveiros que hia
 A Carlos Magno avisar
 Para o auxiliar
 Naquelle grande perigo,
 Disse o duque meu amigo
 Eu irei em seu lugar.

Ricardo por derradeiro
 Disse aos outros eu vou sosinho
 Se morrer deixo um filinho
 Que há de ser bom cavalleir
 Se eu morrer morre um guerreiro
 Não tem o que admirar
 Não morrendo hei de chegar
 O almirante se aprompte
 Disse Roldão mais a ponte
 Como tu has de passar?

Disse Ricardo pairesse
 Que no horror mais profundo
 Ao homem no meio do mundo
 Deus em pessoa aparece
 Sobe a morte a vida desse
 E alli não ha quem vá
 Fiquem descançado cá
 Embora o perigo encontre
 Porem passo pela ponte
 Ou fica o cadavere lá

De madrugada sahiu
 Em bom cavallo montado
 Com lança e espada armado
 Dos outros se despediu
 Um exercito turco o viu
 E tomou-lhe logo a frente
 Mais o guerreiro valente
 Alli não têve receio
 E do exercito que veio
 Quase que não fica gente

30
Antes a ponte chegar
Desseu Ricardo a um baixio
E viu nas aguas do rio
Um viadinho passar,
Elle alli poi-se a pençar
Que o viado fosse alguem
Disse com sigo não tem
Sem ser Deus quem tanto faça
E como o viado passa
Eu vou e passo tambem

E alli se preparou
A Deus entregando a alma
Entrando com toda calma
O rio atravessou.
Galafre de fora olhou
Disse muito admirado
Creio que a quelle damnado,
Não é francez nem é mouro
Tem o diabo no couro
Ou é um ente encantado.

Ricardo então avançou
Quando muito tinha andado
Vio o cavallo suado
Numa sombra se apeiou,
O rei Clarião chegou
E lhe disse cavalleiro!
Vossê está prisioneiro
Foi logo o ameaçando
Ricardo disse se armando
Havemos de ver primeiro.

E metendo-lhe a espada
Por sobre o hombro direito
Que lascou-o até o peito
Com uma só cutilada
A força vinha atrazada,
Ricardo poude se armar
E tratou de se montar
No cavallo que o rei vinha
Que todos signaes bons tinha
E corria sem cançar

Vinte e trez leguas tirou
Nessa jornada que hia
Quando foi no outro dia
A Carlos Magnos chegou
E esse de alegre chorou,
Pois já estava em desespero
Pençando nos cavalleiros,
Que de uma só vez perdeu
Quando Ricardo lhe deu
Noticia dos companheiros.

Carlos Magno reuniu
Os grandes de sua corte
E na quella mesma noute
O plano se dessediou
Alli logo se preveniu,
Que seguisse o batalhão
Tinha grande precisão
De pela manhã partir
Precisava destruir
O almirante Balão.

Disse Ricardo comvém
De madrugada partir
Para amanhã ir dormir
Perto de um ponto que tem
Onde não chega ninguém
Que não seja devorado
E por alli é trancado
O reino do almirante
O vegia é um gigante
Que paresse endiabrado

Disse Carlos Magno então
Não acha-se outro lugar
Onde se possa passar?
Ricardo respondeu: não
O rio é como um vulcão
Reto como um horisonte
Está do lado oposto o monte
Que forma uma serrania
Só se pode ir a Turquia
Se for por aquella ponte

Carlos Magno perguntou
O que havemos fazer?
Para poder obiter?
Ricardo alli esplicou
Disse a Carlos Magno eu vou
Com trez ou 4 na frente
Iremos finjidamente
Se o gigante abrir a porta
Nós metemo-lhe a derrota
E passará touda jente

Ricardo foi e bateu
Chamando pelo gigante
Esse no mesmo instante
Armado lhe appareceu
Olhou-o mas não conheceu,
Perguntou-lhe o que queria
Disse Ricardo que hia
Ao almirante Baião
Fazer uma tranzação
Com as joias que trasia.

Pode entrar, mostre o que tem
Disse a Ricardo o gigante
O duque Rigner e Nante
De lado entraram tambem,
Disse Galafre: convém
Sua capa ser tirada
A' de ser examinada
A sua mercadoria
Ricardo alli sem porfia
Meteu logo mão a espada.

O gigante alli ergueu
A archa que estava armado
Deitando um golpe em Ricardo
Mas esse o corpo torceu
Tanto que a archa bateu
Numa pedra e nella entrou
Carlos Magno chegou
Nantes o portão abriu
O exerzito o invistio
A ponte então se tomou.

Depois da ponte evadida
Morto Galafre o gigante
Deram parte ao almirante
Da desgraça sucedida
Praguejando a propria vida
Mandou a força atacar
E a torre derribar
E matar os cavalleiros
Antes que seus companheiros
Fossem aos pares se juntar

Os turcos iam subindo
Mas as damas preparadas
Atiravam-lhe pedradas
Iam dez doze cahindo
Por mais que vinhesse vindo
Chegava alli e morria
Assim ninguem resistia
Resolveram se afastar
Para não ver se acabar
O exercito da Turquia

A ordem assim foi cumprida
A torre foi atacada
Não foi um turco a escada
Que lá não deixasse a vida
Parte da torre caida
Um oitão ja como um faxo
Mas pedras tijoulos e taxo
Tudo que as damas achavam
Sobre aos turcos atiravam
Matavam os que estavam em baixo

Alli disse ao almirante
 Um soldado que chegava
 Que Carlos Magno ja estava
 Menos de legua distante
 Disse a praça nesse instante
 Dechei a vila vencida
 Cruelmente destruida
 Pois os francez onde vão
 So com a sombra da mão
 Arrancam a alma e a vida

Nisso sahiu Sortibão
 Com dez mil homens armados
 Ao chegar foram atacados
 Todo esforço foi em vão
 O almirante Balão
 Mandou o rei Argolante
 Depois mandou mais Burlante
 Mas nada se aprveitou
 Carlos Magno atacou
 Foi-se tudo num instante

O almirante Balão
 Com os instintos de monstro
 Montou-se e foi ao encontro
 Do imperador christão
 Rugindo como um lião
 Disse: oh velho imperador!
 Hoje estaes quase senhor
 De minha força e poder
 Vem com migo te bater
 Ver quem será vencedor,

O sangue ao campo tomava
Provocando piédade
Força em grade quantidade
De toda parte chegava
O almirante gritava
Aos turcos que resistissem
Com toda força envisticem
Mostrassem que eram guerreiros
Para que os cavalleiros
Com os outros não se unissem

Os cavalleiros cercados
Viram outra força que vinha
Carlos Magno já tinha
Perdido muitos soldados
Sairam dez bem armados
Entre os turcos se meteram
Partes dos turco correram
Com a presença dos pares
Todos aquelles lugares
De corpos mortos se encheram

O almirante Balão
Disesperado invistiu
Como uma fèra partiu
A um cavalleiro christão
Com toda disposição
Peito a peito o infrentou
O chritão se desviou
E se livrou da espada
Mas aquella cutilada
O cavallo lhe matou

Sem atender mais alguem
O cavalleiro em flagante
Invistiu o almirante
Matou o delle tambem
Com orgulhoso de sdêm
O rei turco infuresceu
Um christão o conheceu
E disse é o almirante
E na quelle mesmo instante
O cavalleiro o prendeu.

O almirante Balão
Vendo-se alli em defêso
Foi obrigado a ir preso
A imperador christão
Esse com bom coração
Como amigo recebeu
Pedindo lhe esclareceu
Que aos idulos não adorasse
Disse-lhe que se batisasse
Que entregava-lhe o que era seu

Alli chegou Ferrabraz
Aos seus pes se ajuelhou
Banhado em pranto o rogou
Não adorar idulo mais
Disendo é o satanaz
Que vive o perseguindo
Meu pai que está se illudindo
Quando o eterno o chamar
O senhor há de chorar
O demonio entra surrindo.

Se meu pai fosse christão
Como Carlos Magno é
Se luctasse pela fé
Tivesse religião
Não indo contra a rasão
Como um rei christão não vai
Pois da lei de Deus não sai
Se em Deus tivesse esperança
Nem dez mil pares de França
Não venceriam meu pai.

Oh! meu pai! o senhor tendo
Um grande exercito valente
E doze homens somente
Resistil-os combatendo?
Galafre um gigante horrendo
Que em guerra tinha arte
Todo mundo viu Ricarte
Que ninguem pode pegal-o
E travessou a cavallo
O rio de parte a parte.

Por rogos de Ferrabraz
O almirante Balão
Prometeu de ser christão
Porém depois não quiz mais
Era crença de seus pais
Não quiz deichal-a por nada
Um murro de mão feichada
No arcebispo elle deu
Nas pontas dos pes se ergeu
Cuspiu na pia sagrada

45

O filho inda quiz salvar-o
Mas o pai era um horror
Tanto que o imperador
Mandou no campo matal-o,
Depois mandou sepultal-o
Com honra de suberano
Elle era o impio profano,
Mas Deus que o castigasse
Porém divia enterrarse
Porque tambem era humano.

Agora vamos tratar
Floripes como ficou
Quando da torre avistou
Carlos Magno marchar
Quando foi a vizitar
É dar-lhe agradecimento-
Com grande contentamento
Floripes o abraçou
Carlos Magno alli marcou
O dia do casamento.

Carlos Magno mandou
Que o arcebispo aprontasse
Tudo quanto precisasse
O arcebispo apromtou,
Floripes se batizou
No mesmo dia casou
Como tinham progetado,
De uma luta agonisante
No reino do almirante
Ficou tudo descançado

Ficou a Turquia em paz
A guerra se concluiu
Carlos Magno dividiu
O reino em partes iguaes
Deu metade a Ferrabraz
Com toda legalidade
Elle de bôa vontade,
Com isso se conformou
Gui de Borgonha ficou
Com a mesma quantida de

Disse a Gui e a Ferrabraz:
Qualquer de vocês é dono
Fiquem rejendo esse throno
Não façam cousa de mais
Façam governos legaes
Eu hoje tenho de partir
Cuidou em se despedir,
Levantou o estandarte
Viu-se alli de parte a parte,
Gente gemer e cahir

Floripes soluçando
A Carlos Magno abraçou
Uma dama desmaiou
E cahiu-lhe aos pés chorando
Carlos Magno os consolando
Porém de nada servia
Porque todos na Turquia.
Botaram nos corações
De Carlos Magno as ações
A todo mundo prendia.

Que hora penalizada
Quando a bandeira se içou
E a corneta tocou
A marcha de retirada
A força em marcha avançada
Numa tristesa medonha
Como a pessôa que sonha
Que está doente ou morrendo
Eram os soldados disendo
Adeus a Gui de Borgonha

Foi penosa a despedida
Do emperador christão
Gui de Borgonha e Roldão,
Soluçavam na partida
Floripes triste e sintida
Abraçou os cavalheiros
Principalmente os primeiros
Que na torre foram chegados
Soluçavam abraçados
Ferrabraz e Oliveiros.

Gui de Borgonha ficou
Sem a minima espreção
Quando a seu primo Roldão
Banhado em pranto abraçou
Quiz falar mas não fallou
Com o duque de Nemé
Geraldo de Mondesè
E Tietre de Dardanha
Teve trisesa tamanha
Que ficou suspenço em pé

AGENTES

Parahiba (Capital) — Chagas Baptista,
Irmão

Em Rio Branco — Manoel Vianna

Em Manaus — Benjamin Cardozo

Em Caruarú — João de Barros

Em Pesqueira — José Liberal

Em Sta Luzia. — Parahyba

José Nunes Figuerêdo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidade de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importância qualquer quantidade, para qualquer Estado.

C autor reserva o direito de propriedade.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).